

Picrangela Nota Simões
Fonoaudióloga Clínica
Mestre em Educação

Professora da Faculdade de Artes do Paraná

Ei, você está me ouvindo?

Fazemos essa pergunta sempre que precisamos confirmar que alguém está prestando atenção ao que dizemos, pois o ouvir e o entender estão intrinsecamente ligados, além de serem a chave da linguagem verbal.

Ouvir é possível graças às delicadas estruturas que compõem nosso aparelho auditivo. Entre todos os órgãos do corpo humano, não há outro capaz de tanta eficiência em tão pouco espaço. O ouvido, ocupando uma área de aproximadamente 17 cm³ é capaz de captar a onda sonora transmitida pelo ar, transformá-la em vibração mecânica no ouvido médio, submetê-la aos efeitos hidráulicos do ouvido interno e convertê-la em impulso nervoso para ser decodificada no córtex auditivo. Como se não bastasse, esse delicado aparato ainda é responsável pelo equilíbrio do nosso corpo.

Funcionando em conjunto esse milagre da miniaturização chega a discriminar milhares de sons entre motores, sirenes, instrumentos musicais e vozes, em constante estado de vigília.

O ouvido está sempre em alerta, pois desempenha papéis vitais para o homem, tanto no que se refere à sua locomoção e manutenção do equilíbrio, quanto na localização da direção e distância do som, funcionando como um importante mecanismo de alerta e defesa.

Esse sistema, entretanto, desgasta-se com o passar dos anos, num processo chamado de *presbiacusia*, fazendo com que o limite superior da nossa audição decline com o envelhecimento.

Além dessa ação da natureza, o ouvido pode ter seu desempenho prejudicado por outros fatores, como infecções bacterianas, intoxicação por agentes químicos, ações mecânicas e exposição a ruídos intensos.

Atualmente, o ruído é visto como a terceira principal causa de poluição mundial, perdendo apenas para a contaminação do ar e da água. Seu efeito sobre o aparelho auditivo parece ser o mais evidente, mas a exposição a sons de alta intensidade pode causar vários distúrbios no organismo, comprometendo significativamente o humor, a concentração e a comunicação, além de provocar alterações metabólicas,

cardiovasculares e a nível de sistema nervoso central.

Levantamentos em concentrações populacionais demonstraram que a sensação mais incômoda da poluição sonora está relacionada à interferência no sono, mesmo que os indivíduos não venham a ser acordados.

O fato da maioria dos efeitos do ruído no organismo serem subjetivos, pois ele não chega a ser identificado como um agente agressor antes que uma perda auditiva irreversível esteja instalada, dificulta a conscientização da população e o combate à poluição do som.

Desse modo, a poluição sonora deixou de ser apenas um incômodo para se tornar um problema de saúde, exigindo nossa atenção na prevenção e controle tanto do ruído urbano e das atividades de lazer, como academias de ginástica, fliperamas, shows e brinquedos; quanto do ruído ocupacional, produzido no ambiente de trabalho.